



O carregamento de mogno apreendido no rio Purus estava entre 14 mil metros cúbicos de outras madeiras e seria levado para Miami, nos Estados Unidos, onde já teria comprador

Apreensão de mogno é maior da Amazônia

O Ibama apreendeu na terça-feira, em Tapauá, cerca de mil metros cúbicos de mogno. O carregamento está avaliado em US\$ 1,1 milhão

Wilsa Freire

TAPAUÁ, AM — A Operação Macaúá, do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais e Renováveis (Ibama), flagrou terça-feira passada, no rio Purus, dentro da Reserva Biológica de Abufari (em Tapauá), o maior carregamento de mogno (árvore ameaçada de extinção) dos últimos cinco anos: cerca de mil metros cúbicos enxertados em 14 mil metros cúbicos de outras madeiras. No mercado externo este carregamento pode chegar a até US\$ 1,1 milhão.

Além do montante apreendido, a operação foi considerada ainda mais importante pelo superintendente regional do Ibama, Hamilton Casara, pelo fato de os fiscais do Ibama e da Polícia Federal terem fechado a segunda rota por onde passam os contrabandistas do mogno: a madeira foi extraída irregularmente em Sena Madureira (AC), passou por Boca do Acre e seguiu destino para o Amazonas em Pauini, Lábrea, Canutama e Tapauá (Reserva Biológica de Abufari) até Beruri (onde finalmente deverá ser apreendida hoje), passando ainda por Manaus e Belém para ser encaminhada a Miami (EUA) onde já havia comprador certo.

O mogno flagrado na terça-feira também serviu para mostrar as

artimanhas dos contrabandistas de madeira na Amazônia. Os mil metros cúbicos de mogno haviam sido apreendidos ano passado em Sena Madureira, em área de seringueiros, e estavam aguardando a decisão da Justiça. A Madeireira Mota ficaria responsável pela madeira até que o caso fosse concluído.

No intervalo entre a decisão da Justiça e a pressa para não desperdiçar tempo e dinheiro, a serraria quebrou o acordo de fiel depositária e incorreu em nova irregularidade, dispersando o mogno em Boca do Acre. A idéia era serrar a madeira em Lábrea para que ficasse mais fácil passar pela fiscalização. Por estar irregular, os madeireiros não conseguiram o intento e ainda tentaram em Canutama e Tapauá, onde também não conseguiram sucesso. Manaus seria a última tentativa para serrar a madeira, onde haveria um outro agenciador ainda não descoberto pelo Ibama, que levaria a madeira para Belém (PA). Dali, a madeira seria encaminhada pelo Atlântico até Miami.

Além de multas, o Ibama deverá fornecer denúncia ao Ministério Público para que a madeireira seja enquadrada dentro da nova lei de Crimes Ambientais. A madeira apreendida deverá ser doada a instituições que trabalham com filantropia.

'Contrabando diminuiu no Norte'

O superintendente regional do Ibama, Hamilton Casara, acredita que o contrabando do mogno está diminuindo na Região Norte. A afirmação, contestada pelo Greenpeace, não tem como base números estatísticos, mas sim os trabalhos desenvolvidos pelo órgão como a operação Macaúá, que começou ano passado e aumentou a fiscalização na região.

Outra garantia do superintendente está na formação da Câmara Técnica de Florestas pelo Ibama, Inpa, Universidade do Amazonas, Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam), Instituto de Tecnologia da Amazô-

nia (Utam), Embrapa, Federação das Indústrias do Amazonas (Fieam), Sindicato das Indústrias de Laminados e Compensados e engenheiros florestais que pretendem disciplinar a atividade na região.

"Vamos abrir o diálogo e melhorar a qualidade dos manejos florestais", explica Casara, dizendo que hoje existe uma minoria de madeireiros que ainda tenta burlar a fiscalização. Os trabalhos do Ibama sobre as rotas da madeira clandestina ainda não terminaram, mas por motivo de segurança Casara prefere não contar os detalhes do que ainda deve ser descoberto.



Passos da madeira ilegal eram vigiados

O Ibama e a Polícia Federal vinham seguindo os passos do mogno contrabandeado em Sena Madureira há várias semanas.

Na terça-feira passada o flagrante, acompanhado pela equipe de reportagem de A CRÍTICA, comprovou as investigações e ainda encontrou nova irregularidade. Os madeireiros retiraram 50 toras de madeira de dentro da reserva biológica de Abufari, no igarapé do Supiá.

Os trabalhos do Ibama e da Polícia Federal começaram às 3h, quando a equipe saiu de lancha da Reserva Biológica de Abufari, em Tapauá, em busca das duas jangadas com o carregamento de mogno camuflado em outras madeiras. Foram três horas de viagem pelo rio Purus até que as jangadas fossem avistadas.

O proprietário da embarcação não chegou a ser autuado porque a inten-

ção do Ibama é lavar o auto de infração provavelmente hoje, quando o carregamento passar em Beruri, onde há uma equipe maior do Ibama e da Polícia Federal.

O agente da Polícia Federal, que prefere ser chamado apenas por Brito, mostrou o mogno camuflado em outras madeiras. Segundo ele, percebe-se que a madeira é mais antiga e colocada mais no fundo da água.

"Pelo grau de engenhosidade e pelo valor do mogno foi uma das apreensões mais importantes que já fizemos", festeja o superintendente do Ibama, Hamilton Casara, que coordenou a operação. Os outros 13 mil metros cúbicos, de acordo com ele, provavelmente estavam regular com o órgão e tinha origem conhecida.

Ontem, o superintendente pediu que fosse feita uma auditoria na Madeireira Mota, do Acre, para completar as

investigações sobre a extração clandestina de mogno.

A Operação Macaúá vem sendo realizada desde o ano passado, com o apoio do Exército, Força Aérea Brasileira e Polícia Federal. Macaúá significa falcão na língua indígena e serve como símbolo do novo trabalho que o Ibama vem fazendo via área, com novas aeronaves e com aparelhos de sensoramento remoto via satélite.

Na semana passada, a operação Macaúá também apreendeu mais de 800 metros cúbicos de madeira no interior do estado, equivalente a cinco mil hectares de área, segundo Oliveira.

Dentre os mais de 800 metros cúbicos, a maior apreensão, de 457 metros cúbicos de várias espécies de madeira em tora, foi no rio Canumã, afluente do Madeira, no município de Nova Olinda do Norte (a 138 quilômetros de Manaus) na terça-feira passada.

Metro pode chegar a até US\$ 1,1 mil

O metro cúbico do mogno é comercializado no exterior por preços que variam entre US\$ 800 e US\$ 1,1 mil. O mesmo metro cúbico desta madeira depois de trabalhada chega a ser comercializado pela empresa estrangeira por até US\$ 5 mil de acordo com fontes não-oficiais. O maior comprador do País são os Estados Unidos.

As contas do mogno dentro e fora do Brasil levaram o Greenpeace, organização não-governamental em defesa do meio ambiente, a dizer que o mogno é hoje o principal destruidor da floresta. "Só quem ganha com a devastação é o comprador externo", disse ontem, por telefone, o coordenador da Campanha Amazônia, do Greenpeace, Paulo Adário, 48.

Considerada madeira nobre, usada principalmente no setor de movelaria, o mogno sai da mata por R\$ 60, uma árvore que em média rende 5 metros cúbicos de madeira. Ele chega ao intermediário por R\$ 150 e as serrarias vendem no mercado interno por R\$ 600 em média, além do frete. Chega ao mercado paulista, por exemplo, por R\$ 800 e é exportado entre US\$ 800 e 1,1 mil metros cúbicos.

Além de estar em risco de extinção, o mogno causa grandes prejuízos à floresta. Segundo pesquisas a que teve acesso o Greenpeace, para se retirar uma única árvore de mogno atinge-se, em geral, 1,7 mil metros quadrados de floresta. Isto porque o mogno nasce de modo desconcentrado na floresta e a quantidade por hectare é baixa.

"Hoje a madeira virou sinônimo de destruição. Ela é a mais procurada porque rende mais para o intermediário e para o comprador final, nunca para o caboclo que retira a madeira", diz Adário.

Está liberada pelo governo uma cota de 65 mil metros cúbicos de mogno para exportação este ano, o mesmo número permitido ano passado. De 1990 para cá os valores permitidos pelo governo para exportação têm caído consideravelmente. De 150 mil metros cúbicos chegou hoje a 65 mil, mas não dá para considerar este valor como real, por conta do contrabando.